

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1



# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 1  
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**



# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Fátima Contramestre de Almeida  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
João Carlos Faria  
Luís Ferreira  
Maria Graça da Silveira Filipe  
Maria Rosa Peralta Sousa Silva  
Maria Teresa Rosendo  
Miguel Correia  
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

## *Capa*

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.  
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas  
António Caetano de Campos Ramos  
Jan van Krimpen

## *Impressão e acabamento*

Impripal Artes Gráficas, Lda. - [www.imprupal.com](http://www.imprupal.com)

## *Depósito Legal n.º*

221991/05

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

## Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

**O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal**

**Victor Borrego**

# Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

## *Integrado por:*

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

## Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

**A Coordenadora Editorial**

**Joaquina Soares**

# Índice

<b>Museus</b>	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75



<b>Arqueologia</b>	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
<b>Outros Patrimónios</b>	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

<b>Recensões, Publicações e Informações</b>	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

# Preexistências de Setúbal

## Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87

CARLOS TAVARES DA SILVA\*  
JOAQUINA SOARES\*  
SUSANA DUARTE\*

### RESUMO

São apresentados os resultados da intervenção arqueológica de emergência realizada na área urbana de Setúbal, na Rua António Maria Eusébio. Procedeu-se ao registo estratigráfico das principais fases de ocupação do local, desde os finais do século XIV à actualidade.

De destacar o reconhecimento arqueológico dos sismos de 1531 e 1755, que tiveram no bairro de Troino nefastas consequências; a tardia urbanização (séc. XV) do local; a vocação piscatória das primeiras fases da ocupação deste arrabalde (Troino) da vila medieval de Setúbal.

### INTRODUÇÃO

Durante o mês de Março de 2000, procedemos ao acompanhamento das obras de reedificação de um pequeno lote urbano localizado no Bairro de Troino (Rua António Maria Eusébio, n.ºs. 85-87), em Setúbal (Figs. 2 e 3), e à realização de uma sondagem. Esta, com 5m x 2,50m (Fig. 3), foi aberta com o concurso de operários disponibilizados pelo dono da obra, sob a direcção de dois dos signatários (Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares), coadjuvados por António Júlio Costa, Técnico de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Os objectivos da referida sondagem, limitados pela sua reduzida extensão, foram o reconhecimento da estratigrafia do local e a datação do início da urbanização desta área da cidade, que até à segunda meta-

### ABSTRACT

This paper presents the results of the archaeological rescue excavation that took place on the *Rua António Maria Eusébio*, located in the centre of Setúbal (Troino neighbourhood). This provided stratigraphical knowledge of the phases of local occupation, dating from the late XIV<sup>th</sup> century until now.

The archaeological excavation reveals important information about the earthquakes of 1531 and 1755, which had great impact on this area. It is easy to see the late urbanisation (XV century) of one of the first boundaries of the Setúbal Medieval burg, and the economic relevance of fishing activities.

de do século XVII, altura em que foi cingida pela segunda linha de muralhas, pertencia a um arrabalde (Troino) da vila medieval de Setúbal, separado da mesma não só pela muralha do século XIV, mas também pela Ribeira do Livramento:



Fig. 1 - Rua António Maria Eusébio. Pormenor da sondagem.

\* Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS. Projecto de investigação sobre as preexistências de Setúbal.



Fig 2 - Principais intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: 1 - Travessa dos Apóstolos; 2 - Rua António Joaquim Granjo; 3 - Travessa de João Galo; 4 - Largo da Misericórdia; 5 - Travessa de Frei Gaspar; 6 - Av. Luisa Todí (edifício BCP); 7 - Travessa da Portuguesa; 8 - Rua Major Afonso Pala; 9 a 11 - Rua António Januário da Silva; 12 - Rua Serpa Pinto; 13 - Rua Luís de Camões; 14 - Praça de Bocage; 15 - Praça de Bocage / Av. Luisa Todí (edifício Montepio); 16 - Praça de Bocage; 17 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício Benetton); 18 - Av. 22 de Dezembro; 19 - Beco de Dona Maria; 20 - Largo do Sapalinho; 21 - Praça Miguel Bombarda; **22 - Rua António Maria Eusébio**; 23 - Praça Machado dos Santos; 24 - Largo António Joaquim Correia. (Adaptado de Soares, 2000).

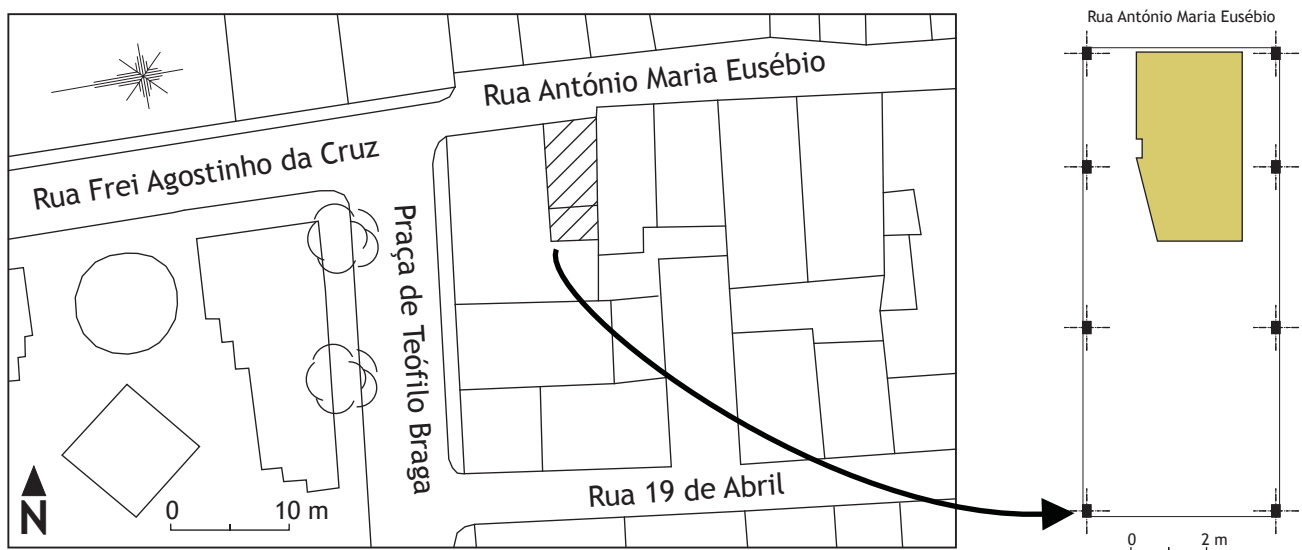


Fig. 3 - Localização do lote e sondagem arqueológica, da Rua António Maria Eusébio, n.º. 85-87, Setúbal.

“A vila medieval de Setúbal consolida-se em termos urbanísticos através da construção de uma fortificação. No exterior, desenvolve-se, a oeste, o arrabalde de Troino, existente, pelo menos, desde o sécu-

lo XIII. O Largo da Anunciada, sobre a praia, era o centro polarizador do arrabalde. Aí se localizavam a igreja e o hospital da Confraria de Nossa Senhora da Anunciada.” (Soares, 2000, p. 125).



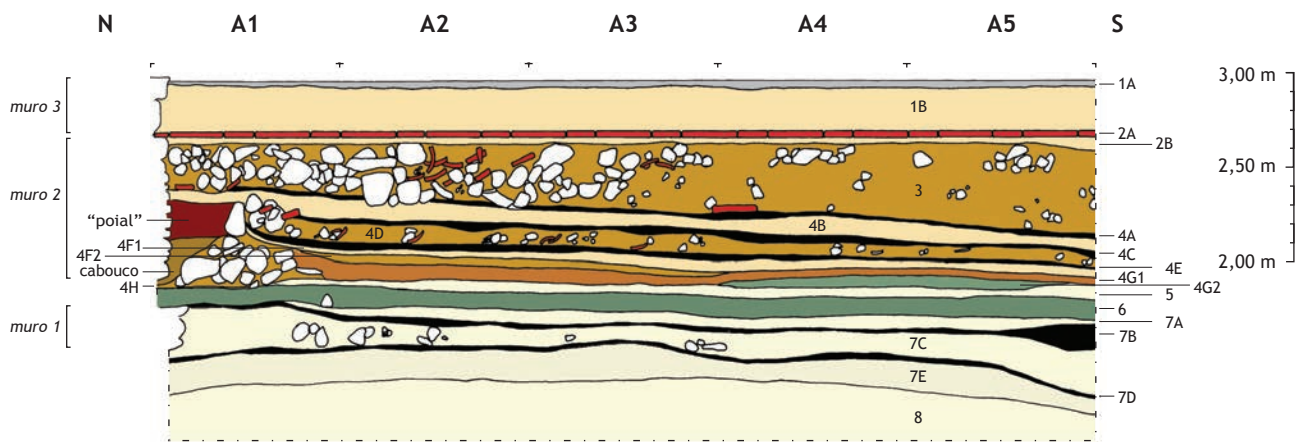


Fig. 4. - Rua António Maria Eusébio. Perfil estratigráfico Este.



Fig. 5. - Rua António Maria Eusébio. Aspecto da estratigrafia.

## ESTRATIGRAFIA

Observou-se a seguinte sequência estratigráfica (de cima para baixo, Figs. 4 e 5):

*C.1A* - Piso de cimento, correspondente à última fase de funcionamento do imóvel demolido em 2000. Espessura de aproximadamente 0,04m. Finais dos anos 50 do século XX.

*C.1B* - Enchimento de entulho rico em gravilha, destinado ao assentamento do piso da *C.1A*. Espessura 0,24m.

*C.2A* - Piso em tijoleira, com padrão em espinha. Tijoleiras com 0,29x0,15m. Espessura 0,03m. Em conexão com o *muro 3*, pertencente à habitação presentemente demolida e que poderá remontar ao século XIX.

*C.2B* - Argamassa amarelada, correspondente à base do piso da *C.2A*. Espessura 0,04m.

*C.3* - Entulho constituído por fragmentos de tijoleiras, blocos de argamassa, telhas e blocos pétreos

(0,29x0,35m). Esta camada, que mergulha para sul, é muito heterogénea e rica em grandes blocos nas imediações do *muro 2*. Parece ter resultado do derrube de construções (*muro 2*) pelo sismo de 1755. Espessura máxima 0,45m.

*C.4A* - Piso em terra batida, com carvões; encostado ao *muro 2*. Espessura 0,05m.

*C.4B* - Entulho constituído por fragmentos de argamassa, destinado à regularização do lote para a implantação do piso correspondente à *C.4A*. Espessura 0,10m.

*C.4C* - Piso de terra batida, com carvões, muito semelhante ao da *C.4A*. Espessura 0,05m.

*C.4D* - Nível de regularização, constituído por fragmentos de argamassa, blocos pétreos, fragmentos de telhas; encosta-se, a norte, ao derrube do «poial» da fase precedente. Espessura 0,12m.

*C.4E* - Piso em terra batida, com carvões e cinzas; encosta-se, a norte, a estrutura de tipo poial, adossada à face sul do *muro 2*, no troço em que se sobrepuña directamente a uma acumulação de blocos pétreos (*C.4H*).

*C.4F1* - Enchimento lenticular, rico em argamassa, de regularização, para assentamento do piso correspondente à *C.4E*. Espessura 0,06m.

*C.4F2* - Areia argilosa castanha clara, conservada apenas numa depressão da *C.4G1*.

*C.4G* - Nível de regularização constituído por saibro de calcário e brecha da Arrábida (*C.4G1*) e com a base parcialmente formada por enchimento de argila esverdeada (*C.4G2*).

*C.4H* - Acumulação de blocos pétreos atribuíveis

à destruição de estrutura (s) de alvenaria. Foi cortada pelo cabouco do *muro 2*. Espessura máxima 0,27m.

C.5 - Areias de praia. Espessura 0,08m.

C.6 - Piso de argila esverdeada. Espessura 0,11m.

C.7A - Areia de praia, grosseira. Esp. 0,08m.

C.7B - Restos de um piso, com apreciáveis variações laterais. Possui áreas mais compactadas e argamassadas e outras mais argilosas. Estaria em conexão com o *muro 1*. Espessura máxima 0,14m.

C.7C - Areias de praia, com blocos pétreos. Espessura máxima 0,26m. Nelas estão incluídas as fundações do *muro 1*.

C.7D - Lenticula de areia escura. Espessura máxima 0,03m. Corresponde à primeira ocupação do local; passa por debaixo do *muro 1* e é datável dos finais do século XIV / inícios do XV.

C.7E - Areias de praia, com raros materiais arqueológicos migrados da C. 7D. Espessura 0,20m.

C.8 - Areias de praia, sem vestígios de ocupação humana. Escavadas em uma espessura de 0,50m.

## ESTRUTURAS

As estruturas observadas foram registadas somente através dos paramentos internos de muros que constituíam o limite norte da nossa sondagem. Apresentaram-se sobrepostas numa sequência de três muros, facto que parece apontar para um grande conservadorismo no desenho do cadastro urbano. De cima para baixo, surge o muro do edifício do século XIX, agora demolido (*muro 3*), assente sobre um muro dos séculos XVII-XVIII, que terá entrado em colapso durante o sismo de 1755. Este último muro (*muro 2*) conserva a altura de cerca de 0,80m e estaria em conexão com os pisos correspondentes às Cs. 4E, 4C e 4A.

Adossado à face sul do *muro 2* foi identificado um provável poial, constituído por sedimento argiloso muito concrecionado, conformado por fiada de blocos lagiformes colocados de cutelo; possuía a largura de 0,4m e a altura de *ca* 0,2m.

O *muro 1*, representado apenas pelo seu alicerce, marca o início da edificação do lote; é datável do século XV e está em conexão com o piso correspondente à C.7B.

## FASES DE OCUPAÇÃO

Conjugando a informação estratigráfica com a arquitectónica e a relativa ao espólio cerâmico e numismático, reconheceram-se no local dez fases de ocupação, directamente associadas a momentos de reedificação do lote ou de reabilitação dos imóveis nele construídos. Os sismos de 1531 e 1755 teriam desempenhado um papel determinante na dinâmica desta área urbana.

**Fase IA** – Corresponde à ocupação mais antiga do local e é atribuível aos finais do século XIV/inícios do século XV. Está representada pela C.7D, fino nível carbonoso assente sobre areias de praia. Não revelou quaisquer estruturas de alvenaria, facto que pode ser por agora interpretado como o resultado de uma ocupação humana, ainda mal estruturada, em cabanas. De salientar o aparecimento, nesta fase (C.7D), de três pesos de rede, o que aponta para uma ocupação particularmente vocacionada para a actividade piscatória (Fig. 6, n<sup>os</sup>. 23 e 24).

**Fase IB** – Momento de abandono, durante o qual se formou a C.7C, em que irá ser fundado o alicerce do *muro 1*. Forneceu materiais atribuíveis a finais do século XIV/inícios do século XV (Fig. 6, n<sup>os</sup>. 6 e 17; Fig.7, n<sup>o</sup>. 26).

**Fase IIA** – Construção do primeiro edifício de alvenaria (*muro 1*). O piso deste edifício corresponde à C.7B, que ofereceu materiais datáveis do século XV (Figs. 8 e 9).

**Fase IIB** – Desmontagem do *muro 1*, que ficou reduzido ao alicerce. O seu topo é coberto por nível de regularização (C.7A), constituído por areia de praia. Considere-se a presença entre estas areias de um fragmento de peso de rede, documentando o ambiente de praia de pescadores, também apoiado por fontes escritas.

**Fase III** – Construção de piso de argila (C.6) sobre camada de regularização (C. 7A). O nível de areia que o cobre (C.5) parece indicar que o espaço esteve amplamente aberto à praia próxima. Esta fase corresponde à segunda metade do século XV (Figs. 10 e 11).

**Fase IV** – Provável destruição de construção de alvenaria não abrangida pela área escavada (C.4H),

com acumulação de escombros. Fase de destruição atribuível ao sismo de 1531.

**Fase V** – Preparação do local para nova construção, através de sucessivos níveis de regularização (Cs. 4G2, 4G1, 4F2 e 4F1). Sobre aquela sucessão foi assentar o piso da C.4E, em conexão com uma estrutura de tipo poial que se adossava ao *muro 2*. Este, construído durante a mesma fase (segunda metade do século XVI), implantou-se em cabouco que cortou a acumulação de derrubes da C.4H. A C.4G1 forneceu dois ceitis dos reinados de D. Afonso V ou de D. Manuel e de D. Sebastião.

**Fase VI** – Provável reabilitação do imóvel a que pertenceu o *muro 2*. Depósito de regularização, rico em materiais de construção (C.4D) e destinado ao assentamento de novo piso (C.4C), datável ainda do século XVI.

**Fase VII** – Nova intervenção de enchimento e regularização (C.4B) e constituição do piso da C.4A, na transição para o século XVII (Fig. 14, n.º 51).

**Fase VIII** – Destruição do imóvel parcialmente abrangido pela área escavada (*muro 2*), atribuída ao sismo de 1755. De salientar o aparecimento de uma taça de porcelana chinesa da dinastia Qing, período Qianlong, de 1736 a 1795 (C. 3) (Fig. 14, n.º 53).

**Fase IX** – Construção de novo imóvel, durante o século XIX, cuja parede norte (*muro 3*) assentou sobre o topo destruído do *muro 2*, que lhe serviu de alicerce. Este imóvel recebeu piso de tijoleira (C.2A), o qual foi substituído, durante o século XX (Fase X), por pavimento de cimento (C.1A), assente em espesso nível de enchimento. O mesmo imóvel sobreviveu até ao ano 2000, quando o lote foi objecto da reedificação, a qual determinou a nossa intervenção arqueológica.

Desde a camada de ocupação mais antiga (final do séc. XIV/inícios do XV), até ao piso do século XX, registou-se uma elevação das cotas deste lote de cerca de 1,50m.

Desde a primeira construção de alvenaria erguida no local, no século XV, e a actualidade, não houve alteração do arruamento, no troço agora analisado, para o qual os sucessivos imóveis viraram a sua fachada norte (*muros 1, 2 e 3*). A Rua António Maria Eusébio não encontra uma inequívoca representação

na mais antiga planta de Setúbal, do último quartel do século XVI, facto que pode ser interpretado como estando aquela rua apenas esboçada ou ter ocorrido, na representação cartográfica, uma deslocação do arrabalde de Troino para norte, relativamente ao núcleo urbano amuralhado. De facto, a Rua António Maria Eusébio deverá ter começado a existir, não necessariamente como hoje a conhecemos, a partir do século XV, quando o lote em análise foi construído. As escavações na Praça Miguel Bombarda, adjacente à igreja do Convento de Jesus, permitiram observar que a norte da língua de areia onde se localizou aquela rua existiu, até ao final do século XIV, uma área de sapal, que viria a ficar em parte emersa no século XV e serviria de espaço para a construção do Convento de Jesus na última década da mesma centúria: “*Até cerca do século XIV, o local encontrava-se inundado e faria parte de sistema estuarino-lagunar a que corresponderia um ecossistema de sapal.*”

“*Durante o séc. XIV evolui-se possivelmente para um sapal alto que cobriria os solos argilosos da plataforma de preamar de águas vivas, interrompida por canais e poças de maré. Numa destas poças ter-se-iam acumulado os detritos [...] resultantes de ocupação humana localizada nas proximidades.*”

“*No séc. XV a área estaria, em parte, emersa [...].*”

“*Na passagem do século XV para o XVI surge o primeiro piso estruturado da Praça (de gravilha e cascalho de brecha da Arrábida) que cobre uma área com pelo menos 30 metros de largura, da fachada principal da Igreja para sul.*” (Tavares da Silva, 1989, p. 8).

## ESPÓLIO CERÂMICO

Além do espólio faunístico, ainda não estudado, e de alguns numismas, destaca-se, pela sua maior abundância, o material cerâmico (Quadro I e Figs. 6 a 14). Do espólio cerâmico recolhido apenas é tratado quantitativamente o que provém das três primeiras fases de ocupação, correspondendo aos finais do século XIV/inícios do XV e século XV, uma vez que a partir desse período há uma acentuada redução da cerâmica (Quadros I e II).

Quadro I - Rua António Maria Eusébio. Distribuição das grandes categorias tecnológicas de produção cerâmica pelas várias fases de ocupação. Consideraram-se apenas os fragmentos com interesse tipológico.

Grupos tecnológicos*	Fases de ocupação**															
	Fase I		Fase II		Fase III		Fase V		Fase VI		Fase VII		Fase VIII		Total	%
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
CC	139	28,3	138	28,1	70	14,3	22	4,5	1	0,2	9	1,8	13	2,6	392	79,8
CV	21	4,3	12	2,4	19	3,9	9	1,8	3	0,6	3	0,6	5	1,0	72	14,7
CE	-	-	3	0,6	8	1,6	2	0,4	3	0,6	6	1,2	4	0,8	26	5,3
P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,2	1	0,2
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>32,6</b>	<b>153</b>	<b>31,2</b>	<b>97</b>	<b>19,8</b>	<b>33</b>	<b>6,7</b>	<b>7</b>	<b>1,4</b>	<b>18</b>	<b>3,7</b>	<b>23</b>	<b>4,7</b>	<b>491</b>	<b>100,0</b>

\* CC - Cerâmica comum; CV - Cerâmica vidrada; CE - Cerâmica esmaltada; P - Porcelana.

\*\* A Fase IV não forneceu espólio cerâmico.

A cerâmica comum, essencialmente de produção local e/ou regional, é claramente dominante; nesta categoria tecnológica, surgem em posição maioritária as formas características de contextos domésticos. Salientamos, pela sua forte presença numérica (fases de ocupação I a III), os recipientes para cozinhar (panelas e caçarolas). Quanto às formas de mesa (tigelas, taças e pratos) tendem a escassear na Fase III, provavelmente em resultado da divulgação das cerâmicas vidradas, ao longo do século XV, e das esmaltadas, a partir de meados do mesmo século,

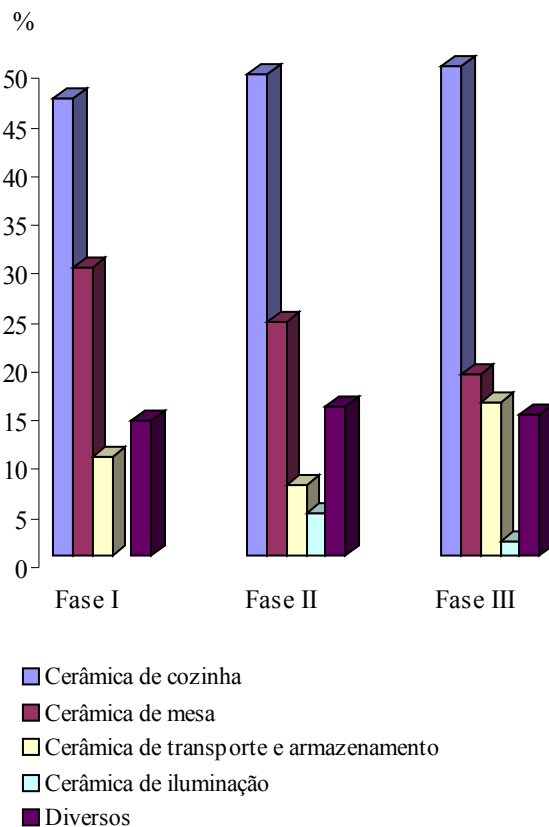
com um nítido acréscimo no século XVI (Quadro III). Na chamada cerâmica de despensa, encontramos formas para transportar e conter líquidos e para armazenar, como bilhas, infusas, cântaros e potes, que continuam a fazer parte do ambiente de cozinha, bem como os alguidares, de uso muito diversificado. De entre os materiais que designamos como diversos, destacamos a presença de pesos de rede, nas Fases I a III, relacionados com a importância da actividade piscatória neste arrabalde de Setúbal, habitado muito provavelmente por população, em geral, de modestos recursos, como nos é sugerido pelo espólio recolhido nos sucessivos contextos habitacionais do lote urbano agora estudado. De facto, é notória a escassez de cerâmicas esmaltadas e vidradas e, em especial, de cerâmica claramente de importação.

“[...] A evolução dos aglomerados da Anunciada e de São Sebastião, elevados à categoria de freguesia em 1553, e protegidos pela nova muralha que as guerras da restauração faziam erguer [continuaram porém] como periferias fornecedoras de mão de obra e mercados abastecedores da comunidade” (Abreu, 1999, p. 45).

Quadro II - Rua António Maria Eusébio. Grupos tipológicos e funcionais da cerâmica comum, distribuídos por fases de ocupação.

Grupos de carácter funcional	Fases de ocupação*											
	Fase I		Fase II		Fase III		Fase V		Fase VI		Fase VII	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Cerâmica de cozinha</b>	<b>65</b>	<b>46,8</b>	<b>68</b>	<b>49,3</b>	<b>35</b>	<b>50,0</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Panela	40	28,8	35	25,4	25	35,7	5	1	-	-	-	-
Caçarola	19	13,7	18	13,0	6	8,6	8	-	-	-	1	-
Púcaro	2	1,4	8	5,8	2	2,9	-	-	-	-	-	-
Alguidar	4	2,9	7	5,1	2	2,9	2	-	-	-	-	-
<b>Cerâmica de mesa</b>	<b>41</b>	<b>29,5</b>	<b>33</b>	<b>23,9</b>	<b>13</b>	<b>18,6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Tigela	24	17,3	10	7,2	6	8,6	-	-	-	-	-	-
Taça	1	0,7	4	2,9	-	-	-	-	-	-	-	-
Prato	12	8,6	13	9,4	7	10,0	1	-	-	-	1	-
Travessa	-	-	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-
Caneca	-	-	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-
Copo	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jarro	3	2,2	4	2,9	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Cerâmica de transporte e armazenamento</b>	<b>14</b>	<b>10,1</b>	<b>10</b>	<b>7,2</b>	<b>11</b>	<b>15,7</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Bilha	7	5,0	5	3,6	10	14,3	-	-	-	-	-	-
Infusa	3	2,2	3	2,2	-	-	1	-	-	-	1	-
Cântaro	2	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pote	2	1,4	1	0,7	1	1,4	-	-	-	-	-	-
Cantil	-	-	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Cerâmica de iluminação</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>6</b>	<b>4,3</b>	<b>1</b>	<b>1,4</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Candeia	-	-	6	4,3	1	1,4	-	-	-	-	-	-
<b>Diversos</b>	<b>19</b>	<b>13,7</b>	<b>21</b>	<b>15,2</b>	<b>10</b>	<b>14,3</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>6</b>
Testo	12	8,6	18	13,0	7	10,0	4	-	-	-	5	-
Peso	3	2,2	1	0,7	2	2,9	1	-	-	-	1	-
Trempe	1	0,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Frag. decorado	3	2,2	2	1,4	1	1,4	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>100,0</b>	<b>138</b>	<b>100,0</b>	<b>70</b>	<b>100,0</b>	<b>22</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>9</b>

\* A Fase IV não forneceu espólio cerâmico.

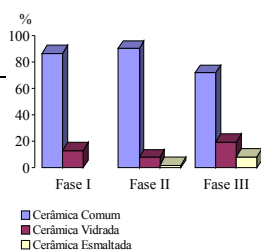




Quadro III - Rua António Maria Eusébio. Principais categorias tecnológicas do fabrico cerâmico das Fases I a III.

Fase	Grupos tecnológicos*						Total	
	CC		CV		CE			
N	%	N	%	N	%	N	%	
I	139	86,9	21	13,1	0	0,0	160	100,0
II	138	90,2	12	7,8	3	2,0	153	100,0
III	70	72,2	19	19,6	8	8,2	97	100,0

\*CC - Cerâmica comum; CV - Cerâmica vidrada; CE - Cerâmica esmaltada



## Cerâmica comum

### Cerâmica de cozinha

As *panelas*, provenientes dos estratos dos finais do século XIV/inícios do XV e do século XV, encontram-se bem documentadas, apesar de não ter sido possível reconstituir totalmente nenhuma delas; os bordos são em aba, de perfil rectangular ou quadrangular; podem ostentar uma ou mais caneluras no colo, sob o bordo; as asas surgem normalmente a meio do colo; assentam em fundo ligeiramente convexo. Estas peças (tal como as restantes categorias morfo-funcionais da cerâmica comum) apresentam pastas em geral porosas, com características de cozedura em ambiente oxidante, e texturas e composição petrográfica que as aproximam das pastas da cerâmica romana do Sado (Mayet *et al.*, 1996). Nos exemplares de panelas observados, o diâmetro no bordo varia entre 11,2 cm e 22,7 cm. Trata-se de uma forma que não oferece grande evolução morfológica entre o século XIV e o século XV, ainda que se verifiquem algumas variações no bordo (Figs. 6, n<sup>os</sup>. 1 a 5; Fig. 8, n<sup>os</sup> 27 a 30; Fig. 10, n<sup>o</sup>. 43). As panelas com asas a partir do bordo são mais frequentes em contextos dos finais do século XV ao século XVII (atenda-se à peça AME437 da Fase III, Fig. 10, n<sup>o</sup>. 44). A partir do século XVI, surgem com o interior vidrado, facto que não foi observado no espólio em análise, provavelmente pela escassez do mesmo a partir dos estratos do século XVI.

Os fragmentos de *púcaro*, das Fases I e II, apresentam duas variantes: bordo com lábio de secção semicircular demarcado no exterior por uma canelura, com paralelos no contexto de uma habitação de

Silves do século XV (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996); e bordo com várias caneluras (Fig. 6, n<sup>os</sup> 6 e 7; Fig. 8, n<sup>o</sup> 31).

As *caçarolas* não oferecem grande diversidade tipológica ainda que mostrem acentuado polimorfismo no que concerne ao bordo, alguns dos quais com encaixe para tampa de tipo hermético. O diâmetro no bordo, dos exemplares observados, varia entre 18,1 cm e 28,4 cm. A superfície interna apresenta-se espantada ou brunida, com tonalidades acastanhadas ou avermelhadas e com manchas negras, resultantes de impregnação por negro de fumo, devida a exposição directa ao fogo. As pastas possuem características de cozedura em ambiente oxidante. Esta forma está presente desde o século XIV até ao início do século XVI, encontrando paralelos nas áreas urbanas de Palmela, Alcácer do Sal, Sesimbra e Almada. No entanto, as caçarolas que apresentam o ressalto para encaixe de tampa não parecem surgir em contextos posteriores à segunda metade do século XV (Fig. 6, n<sup>os</sup>. 8 a 11; Fig. 8, n<sup>os</sup>. 32 e 33). São formas difundidas nos séculos XIV e XV, que na centúria seguinte se tornam mais baixas e com aplicação de vidrado (variantes não documentadas nesta intervenção).

Os *alguidares* mostram duas variantes quanto à espessura e secção do bordo:

- Alguidares com bordo de secção semicircular e cerca de 30 cm de diâmetro; superfície interna brunida e externa com aguada, para melhor impermeabilização (Fig. 6, n<sup>os</sup>. 12 e 13), similares a exemplares exumados em Alcácer do Sal, em contextos dos séculos XIV e XV (Paixão, Faria e Carvalho, 1994, p. 249);

- Alguidares com bordo em voluta, de maiores dimensões que os anteriores, podendo ter as superfícies internas brunidas ou esmaltadas a verde, datados do século XV, muito embora os seus antecedentes remontem ao século XIII e a sua morfologia se tenha prolongado até à actualidade sem grandes alterações.

### Cerâmica de mesa

Os *pratos* compreendem duas variantes, com significado cronológico:

- Prato de bordo pendente, com caneluras paralelas na face externa (Inv. AME94, Fig. 6, nº. 17). Este prato, da Fase I, sugere variante mais antiga, com paralelos na área do castelo de Sines (Tavares da Silva e Soares, 1998) e em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991), em ambos os casos correlacionados com estratos dos finais do século XIV. As caneluras no bordo são um aspecto decorativo documentado em exemplares de alguidares exumados no Castelo de Alcácer do Sal que, segundo os autores, surgem em contextos do século XIII, prolongando-se pela primeira metade do século XIV, forma essa também comum em Almada (Paixão, Faria e Carvalho, 1994, p. 231).

- Pratos com engobe avermelhado, sem caneluras, de bordo com espessamento de secção triangular; fundo em anel. No final do século XIV, coexistem as duas variantes, a de bordo pendente decorado por caneluras, e a de bordo com espessamento de secção triangular, prolongando-se a última pelo século XV (Fig. 6, nº. 16 e 18). A partir da segunda metade do século XV, é comum a variante de bordo com espessamento de secção triangular com diâmetro em geral mais reduzido.

As *tigelas*, das Fases I a III (Fig. 6 nº. 14 e 15), possuem bordo boleado, demarcado exteriormente por uma ou duas caneluras acentuadas; nos exemplares analisados, o diâmetro no bordo varia entre os 18,2 cm e os 22,3 cm; têm paralelos em Cascais como forma típica dos contextos dos séculos XIV e XV (Cardoso e Encarnação, 1990); também em Palmela e Almada este tipo de peças surge nos finais do século XIV, desaparecendo no século XVI (Paixão *et al.*, 1994, p. 232). Presente, na Fase I, um único exemplar de taça carenada (Fig. 8, nº. 34); tem paralelos em exemplar recolhido num silo da Rua Henriques Nogueira, Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 119).

Os *copos* e *canecas* estão representados por dois exemplares. Um fragmento de copo (cf. Catálogo, Inv. AME60, Fig. 6, nº. 19) da Fase I, com bordo direito e lábio convexo, decoração na superfície externa, possui paralelos em um exemplar recolhido no silo III da Rua Henriques Nogueira, Almada (Sabrosa e Santos, 1993, p. 119). O fragmento de caneca pertencente à Fase II (Inv. AME212, Fig. 8, nº. 35), com

bordo inclinado para o interior, lábio convexo, asa vertical de secção oval, caneluras sob o bordo, não tem, por agora, paralelos na bibliografia regional consultada.

### **Cerâmica de transporte e armazenamento**

De entre a cerâmica de transporte e armazenamento (Fases I-II), destacamos a presença de recipientes destinados a transportar e conter líquidos, supostamente água, como cântaros, bilhas, infusas e cantil (Figs. 6, nº. 20; Fig. 8, nº. 36 e 37). O nosso exemplar de cântaro (Inv. AME321, Fig. 8, nº. 36) da Fase II, com bordo pendente, tem paralelos em Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996) e a forma Inv. AME68 (Fig. 6, nº. 20), com caneluras sob o bordo, da Fase I, que classificamos como bilha, tem paralelos em um recipiente do silo 7 da Rua da Judiaria (Almada), de cronologia anterior ao século XV, a que foi, porém, atribuída a designação de cântaro (Leal, 2000, p. 203).

### **Cerâmica de iluminação**

Registámos a presença de 7 exemplares de candeias, caracterizadas por boca trilobada e, por vezes, com asa na extremidade oposta. Esta forma só se encontra documentada nas Fases II e III de ocupação, do século XV (Fig. 8, nº. 38). De acordo com informação bibliográfica, é uma forma que não se tem encontrado documentada em contextos do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 575).

### **Diversos**

Neste grupo funcional, de carácter residual, incluímos os testos, um fragmento de possível trempe e pesos de rede.

Os *testos* são caracterizados por aba larga, com as variantes de lábio boleado e de lábio com acentuada inflexão interna em forma de barbeta, e fundo plano com pega central (Fig. 6, nº. 22; Fig. 8, nº. 39). São exemplares cozidos em ambiente oxidante, por vezes com manchas negras. Durante os séculos XIV e

XV coexistem as duas variantes; no entanto, o bordo em forma de barbeta tende a desaparecer a partir dos finais do século XV, sobrevivendo somente a variante boleada. Este aspecto já havia sido documentado em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991, p. 576).

Um único exemplar de possível *trempe* (Fig. 6, nº. 21), pertencente à Fase I, estará, devido às suas dimensões, relacionado com a confecção de alimentos, visto não possuir as características das *trempe*s usadas nos fornos oleiros. Pertence à fase inicial da ocupação do local, directamente sobre a praia, talvez de carácter sazonal, associada à estada de pescadores, e da qual não se conservaram estruturas, nem mesmo lareiras estruturadas. A *trempe* (?) poderia, assim, servir a actividade culinária, praticada em condições muito precárias.

Os *pesos de rede*, em número de 6, pertencem ao mesmo tipo genérico, dotado de corpo ovóide, de pequenas dimensões e perfuração longitudinal cilíndrica (cf. Catálogo, Inv. AME63 e AME81, Fig. 6, nºs. 23 e 24). O exemplar completo pesa 119,8 gramas, o que parece indicar a presença de redes de formato relativamente modesto, adequadas à pesca costeira. Apesar do pequeno número de exemplares, observámos a existência de dois tipos de pasta claramente distintos: uma variante de pasta, avermelhada, de produção local ou regional, e outra bege/rosada, de produção exógena, possivelmente algarvia. A presença, na Fase I, deste peso de rede, exógeno, é interpretada, provisoriamente, como indicadora de contactos da comunidade piscatória de Troino com outros grupos do litoral sul. A estreita relação, ainda actualmente comprovada, da população piscatória de Troino com comunidades de pescadores algarvios, do Sotavento, poderá remontar às origens de Troino. Esta é uma hipótese de trabalho que tentaremos testar em futuros trabalhos arqueológicos.

## Cerâmica vidrada e esmaltada

### Cerâmica vidrada e esmaltada de produção portuguesa

O aumento das preocupações com a higiene, no século XV, reflectiu-se na individualização de algu-

mas formas cerâmicas. Há, por exemplo, uma maior vulgarização das taças e pratos, esmaltados a branco estanhífero, e vidrados, a castanho e castanho melado.

As produções vidradas a castanho e a castanho melado são, porém, provenientes não só de contextos do século XV e primeira metade da centúria seguinte (Fig. 11, nº 47; Fig. 12, nº 48), mas já de estratos dos finais do século XIV/inícios do XV, podendo apresentar ou não decoração (Fig. 7, nºs. 25 e 26). Na segunda metade do século XV (Fase III), regista-se claramente um aumento daquelas cerâmicas, facto que relacionamos com a evolução geral dos comportamentos sociais e com o gosto, mas também com a melhoria das condições económicas e com a crescente urbanização de Troino; hábitos de consumo mais urbanos fazem todo o sentido no quadro do aglomerado de Setúbal, que atinge precisamente nos séculos XV e XVI um pico de desenvolvimento.

Os motivos decorativos, a óxido de manganês, associados a estas peças são de carácter floral estilizado, encontrando-se aplicados no interior de taças e em pratos. A taça carenada Inv. AME118 (Fig. 7, nº. 26), vidrada a castanho melado, pertence à Fase I de ocupação, com paralelos no poço-cisterna de Silves; tem protótipos nas grandes taças carenadas (*ataifores*) provenientes do contexto almóada do castelo de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 154-155).

Os pratos de superfícies meladas (Fig. 11, nº. 47; Fig. 12, nº. 48), por vezes demarcados por fina incisão junto ao bordo, com o lábio convexo e fundo ligeiramente saliente apresentam paralelos em Silves, no contexto do poço-cisterna (Gomes e Gomes, 1996, p. 156).

O jarro Inv. AME240 possui vidrado a castanho que não cobre o fundo da peça, aspecto característico de contextos do século XV (Fig. 9, nº. 40).

Os pratos e taças, de pastas beiges, com superfícies esmaltadas a branco estanhífero, estão relacionados com a notória divulgação destas formas na segunda metade do século XV e século XVI (Fig. 11, nº. 46).

A escudela nº 52 (Fig. 14) apresenta o bordo direito, lábio convexo, carena acusada e pé em anel, núcleo com tonalidade bege rosada. Observa-se, no

interior, marca de trempe resultante do empilhamento na cozedura. Este tipo de peças é mais divulgado a partir da segunda metade do século XVI com a laboração dos importantes centros produtores da Mata da Machada (Barreiro) e Lisboa, pelo menos desde 1566 (Gomes e Gomes, 1996, p. 158).

### Cerâmica importada

A cerâmica esmaltada, a branco estanhífero, de importação (Málaga e Sevilha) surge em estratos dos séculos XV e XVI, sob as formas de taças e pratos com fundo em *omphalus*. O nosso prato Inv. AME 496 (Fig. 12, nº. 49), esmaltado a branco estanhífero com linhas concêntricas a azul de cobalto, poderia ter sido importado de Sevilha; possui paralelos em exemplar exumado em Silves, com cronologia da segunda metade do século XV ou do século XVI, cujos atributos de produção são indicados para Sevilha (Gomes e Gomes, 1996, p. 174).

Em contextos dos séculos XV e XVI ocorrem cerâmicas importadas de Valência (Paterna e Manises), com pastas bem depuradas. A cerâmica de Paterna, do século XV, apresenta decoração exclusivamente a azul de óxido de cobalto, persistindo os temas vegetalistas; o fragmento de prato Inv. AME 201 oferece as superfícies esmaltadas a branco estanhífero, com decoração vegetalista (Fig. 9, nº. 41); tem paralelos em canudos de farmácia do século XV, com decoração da série da *castanha* (Sánchez-Pacheco, 1996, p. 47).

A escudela Inv. AME495 oferece superfície castanha acobreada sobre esmalte branco, decorada com elementos vegetalistas. Está muito danificada, com a decoração quase imperceptível (Fig. 13). Tem paralelos em um prato com decoração antropomórfica e vegetalista de Manises, do século XVI (Sánchez-Pacheco, 1996, p. 58).

A taça Inv. AME381, fragmento de fundo esmaltado no interior a castanho acobreado com decoração de motivos vegetalistas a azul de cobalto e verde (Fig. 11, nº. 45), com pasta de tonalidade bege rosada clara, embora sem paralelos próximos, parece-nos integrar o grupo das cerâmicas importadas. O mes-

mo ocorre com o prato Inv. AME373, fragmento de parede e pé em anel, com superfície interna esmaltada a dourado, apresentando decoração estilizada, a verde com um motivo geométrico (estelar) no interior; a pasta possui o núcleo de cor rosada (Fig. 9, nº. 42).

Do nível de século XVIII, presumivelmente associado ao sismo de 1755, foi exumado o fragmento da taça Inv. AME573, em porcelana chinesa da dinastia Qing, período Qianlong (1736-1795). Porcelana branca decorada a azul de cobalto com cercadura inspirada nos brocados orientais (Fig. 14, nº. 53). Os paralelos para esta peça são encontrados em galhetas piriformes com representação de cercadura no pé e tampa (Matos, 1996).

O acervo das cerâmicas de importação (levantina e andaluza dos séculos XV-XVI e chinesa do século XVIII), embora relativamente escasso no contexto de um burgo de inegável importância portuária como Setúbal, é explicável pela estrutura sócio-territorial do aglomerado urbano de Setúbal (Soares, 2000) a que já nos referimos.

## CATÁLOGO

### Fase I

#### Cerâmica comum

1 - Panela (AME38, C. 7D) - Fragmento com bordo em aba horizontal de secção rectangular. Superfície externa com canelura sob o bordo. Pasta castanho-avermelhada (2.5 YR 5/4). Bordo com 14,2 cm de diâmetro.

2 - Panela (AME44, C. 7D) - Fragmento de bordo direito em aba horizontal de secção rectangular. Pasta castanho-avermelhada (2.5 YR 5/4). Bordo com 15,7 cm de diâmetro.

3 - Panela (AME101, C. 7D) - Fragmento de bordo com espessamento externo de secção quadrangular. Pasta castanho-avermelhada (2.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 22,7 cm.

4 - Panela (AME103, C. 7D) - Fragmento de bordo em aba horizontal de secção rectangular. Pasta castanho-avermelhada (5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 16,5 cm.

5 - Panela (miniatura)(AME69, C. 7D) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo. Superfície externa com caneluras sob o bordo. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 7,3 cm.

6 - Púcaro (AME124, C. 7C) - Fragmento de bordo ligeiramente introvertido com lábio convexo; caneluras sob o bordo. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Diâmetro no



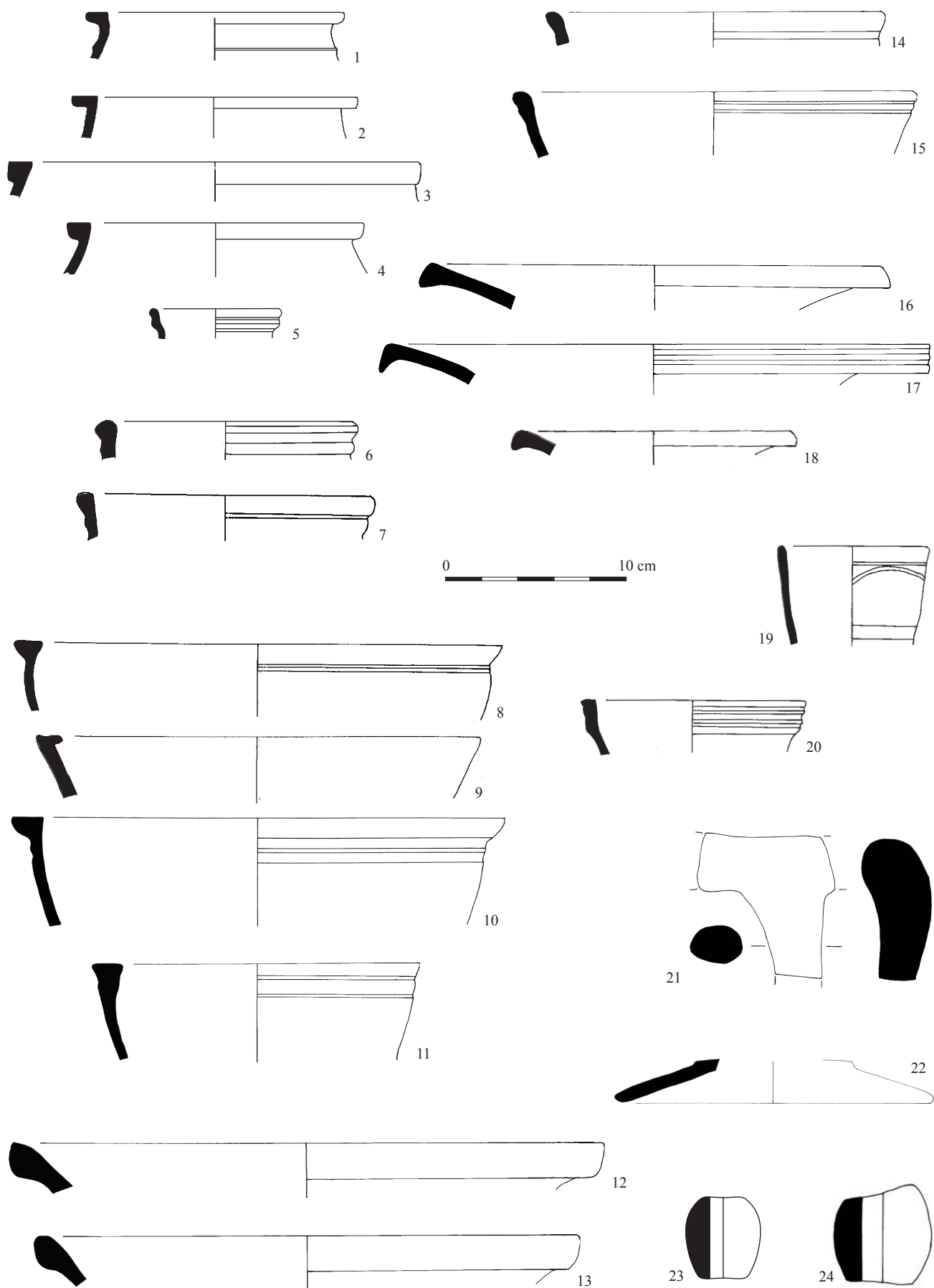


Fig. 6. - Rua António Maria Eusébio. Fase I (finais do século XIV/inícios do século XV). Cerâmica comum: 1 a 5 - panelas; 6 e 7 - púcaros; 8 a 11 - caçarolas; 12 e 13 - alguidares; 14 e 15 - tigelas; 16 a 18 - pratos; 19 - copo; 20 - bilha; 21 - trempe (?); 22 - testo; 23 e 24 - pesos de rede.

bordo 14,4 cm. Apresenta manchas de fogo.

7 - Púcaro (AME30/50, C. 7D) - Fragmento de bordo direito com espessamento externo de secção semicircular. Superfície externa com canelura acentuada sob o bordo. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 16,3 cm.

8 - Caçarola (AME24, C. 7D) - Fragmento de bordo inclinado para o interior, lábio plano com espessamento duplo. Superfície espatulada, de cor castanho-escuro. Pasta castanho-acinzentada (10 YR 4/2). Diâmetro no bordo 27 cm. Manchas de fogo.

9 - Caçarola (AME27, C. 7D) - Fragmento de bordo inclinado para o exterior, lábio aplanado com espessamento interno. Superfície interna espatulada de cor castanha. Pasta castanho-acinzentada (10 YR 4/2). Diâmetro no bordo 25 cm. Manchas de fogo.

10 - Caçarola (AME82, C. 7D) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior; lábio plano com espessamento externo. Superfície interna brunida e castanho-avermelhada. Pasta com núcleo cinzento e zonas superficiais castanho-avermelhadas claras (2.5 YR 6/4). Bordo com 27,5 cm de diâmetro.

11 - Caçarola (AME95, C. 7D) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior, lábio plano. Superfície externa com duas caneluras sob o bordo. Superfície interna espatulada, de cor vermelha. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4) com cerne acinzentado. Diâmetro no bordo 18,1 cm.

12 - Alguidar (AME42, C. 7D) - Fragmento de bordo inclinado para o exterior com espessamento externo de secção semicircular. A superfície externa apresenta aguada e a interna é brunida a vermelho. Pasta com cerne avermelhado (10 R 5/4) e zonas superficiais castanho-avermelhadas claras (5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 32,7 cm.

13 - Alguidar (AME77, C. 7D) - Fragmento de bordo inclinado para o exterior com espessamento externo de secção semicircular. Superfície interna brunida a castanho e pasta cinzento-avermelhada (10 R 5/4). Diâmetro no bordo 30,1 cm.

14 - Tigela (AME23, C. 7D) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior, com lábio convexo; canelura sob o bordo. Superfície interna brunida; a externa, espatulada. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Bordo com 18,2 cm de diâmetro.

15 - Tigela (AME36, C. 7D) - Fragmento de bordo direito; lábio convexo; duas caneluras sob o bordo. A superfície interna, brunida e a externa, espatulada. Pasta alaranjada (2.5 YR 6/6). Diâmetro no bordo 22,3 cm.

16 - Prato (AME37, C. 7D) - Fragmento de bordo com espessamento de secção triangular. Superfície interna brunida. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais castanho-avermelhadas (2.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 26,5 cm.

17 - Prato (AME94, C. 7D) - Fragmento de bordo pendente com caneluras paralelas na sua face externa. A superfície interna apresenta-se brunida e a externa espatulada. Pasta castanho-avermelhada (7.5 YR 5/3). Bordo com 30,4 cm de diâmetro.

18 - Prato (AME107, C. 7D) - Fragmento de bordo ligeiramente pendente, de secção subtriangular. Superfície interna bru-

nida. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais castanho-avermelhadas (7.5 YR 5/3). Diâmetro no bordo 15,7 cm.

19 - Copo (AME60, C. 7D) - Fragmento de bordo com lábio convexo. Superfície externa com incisão rectilínea que se sobrepõe a incisão curvilínea. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 8,3 cm.

20 - Bilha (AME68, C. 7D) - Fragmento de bordo e porção de colo. Face externa do bordo com caneluras horizontais. Pasta castanha (7.5 YR 5/4). Bordo 12,3 cm de diâmetro.

21 - Trempe (?) (AME6, C. 7D) - Fragmento de secção ovóide. Pasta com cerne acinzentado e zonas superficiais avermelhadas claras (2.5 YR 6/4). Altura 7,8 cm.

22 - Testo (AME104, C. 7D) - Fragmento de bordo, parede e fundo. Bordo simples, direito, com lábio convexo. Pasta castanho-avermelhada (2.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 18 cm. Apresenta manchas de lume.

23 - “Peso de rede” (AME63, C. 7D) - Fragmento de forma ovóide (altura 4,5 cm, diâmetro 4,1 cm) com perfuração central, longitudinal e cilíndrica (diâmetro 1,6 cm). Pasta vermelha clara (2.5 YR 6/6). Superfície alisada de cor castanha clara (7.5 YR 6/4).

24 - “Peso de rede” (AME81, C. 7D) - Exemplar inteiro de forma ovóide (altura 5,2 cm, diâmetro 5,5 cm) com perfuração central, longitudinal e cilíndrica (2,3 cm de diâmetro). Pasta rosada (2.5 YR 7/4). Superfície alisada com engobe bege (2.5 YR 8/2).

## Cerâmica vidrada

25 - Taça (AME114, C. 7D) - Fragmento de bordo, direito, de lábio biselado. Superfícies vidradas a castanho-escuro. Pasta castanho-avermelhada (2.5 YR 5/4). Diâmetro do bordo 16,3 cm.

26 - Taça (AME118, C. 7D) - Bordo direito com lábio convexo; carena acusada e pé em anel. Superfícies vidradas a castanho melado com motivo fitomórfico, a óxido de manganês, inscrito no interior do fundo. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 7/4). Altura 8,8 cm; diâmetro do bordo 18 cm; diâmetro máximo (na carena) 18,7 cm; diâmetro do fundo 9 cm.

## Fase II

### Cerâmica comum

27 - Panela (AME357, C. 7A) - Fragmento de bordo direito em aba horizontal de secção quadrangular, com decoração impressa na sua face externa. Pasta castanho-avermelhada clara (5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 13,4 cm.

28 - Panela (AME303, C. 7A) - Fragmento de bordo inclinado para o exterior com lábio convexo-aplanado. Superfície externa com caneluras sob o bordo. Pasta castanho-avermelhada clara (2.5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 11,2 cm.

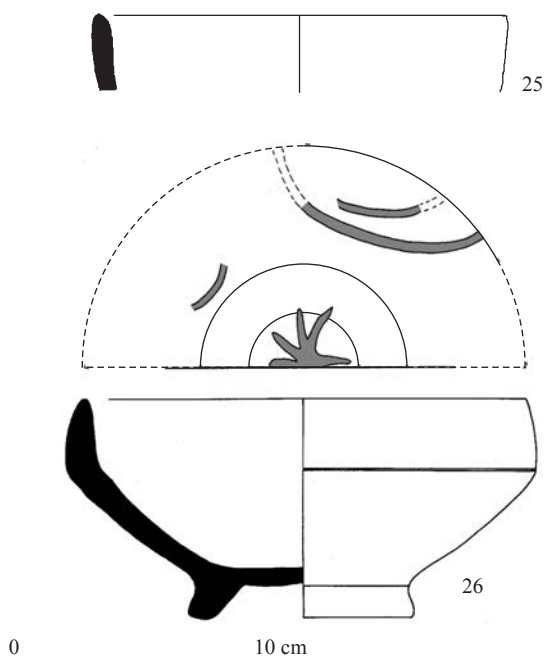


Fig. 7 - Rua António Maria Eusébio. Fase I (finais do século XIV/ /inícios do século XV). Cerâmica vidrada a castanho e castanho melado: 25 e 26 - taças.

29 - Panela (AME254, C. 7A) - Fragmento de bordo em aba horizontal de secção rectangular. Pasta castanha (7.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 19,7 cm.

30 - Panela (AME255, C. 7A) - Fragmento de bordo em aba horizontal de secção triangular. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais alaranjadas (2.5 YR 5/6). Diâmetro no bordo 14 cm.

31 - Púcaro (AME293, C. 7A) - Fragmento de bordo direito com lábio convexo. Superfície externa com caneluras sob o bordo e aguada avermelhada. Pasta castanha (7.5 YR 5/3). Diâmetro no bordo 8,8 cm.

32 - Caçarola (AME337, C. 7A) - Fragmento de bordo ligeiramente introvertido com espessamento duplo e depressão para encaixe da tampa. Pasta castanha (7.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 26,2 cm.

33 - Caçarola (AME336, C. 7A) - Fragmento de bordo ligeiramente introvertido com espessamento duplo e depressão para encaixe de tampa. Pasta com cerne cinzento claro e zonas superficiais castanho-avermelhadas claras (2.5 YR 6/4). Diâmetro no bordo 29 cm.

34 - Taça carenada (AME342, C. 7A) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior com lábio convexo. Care-

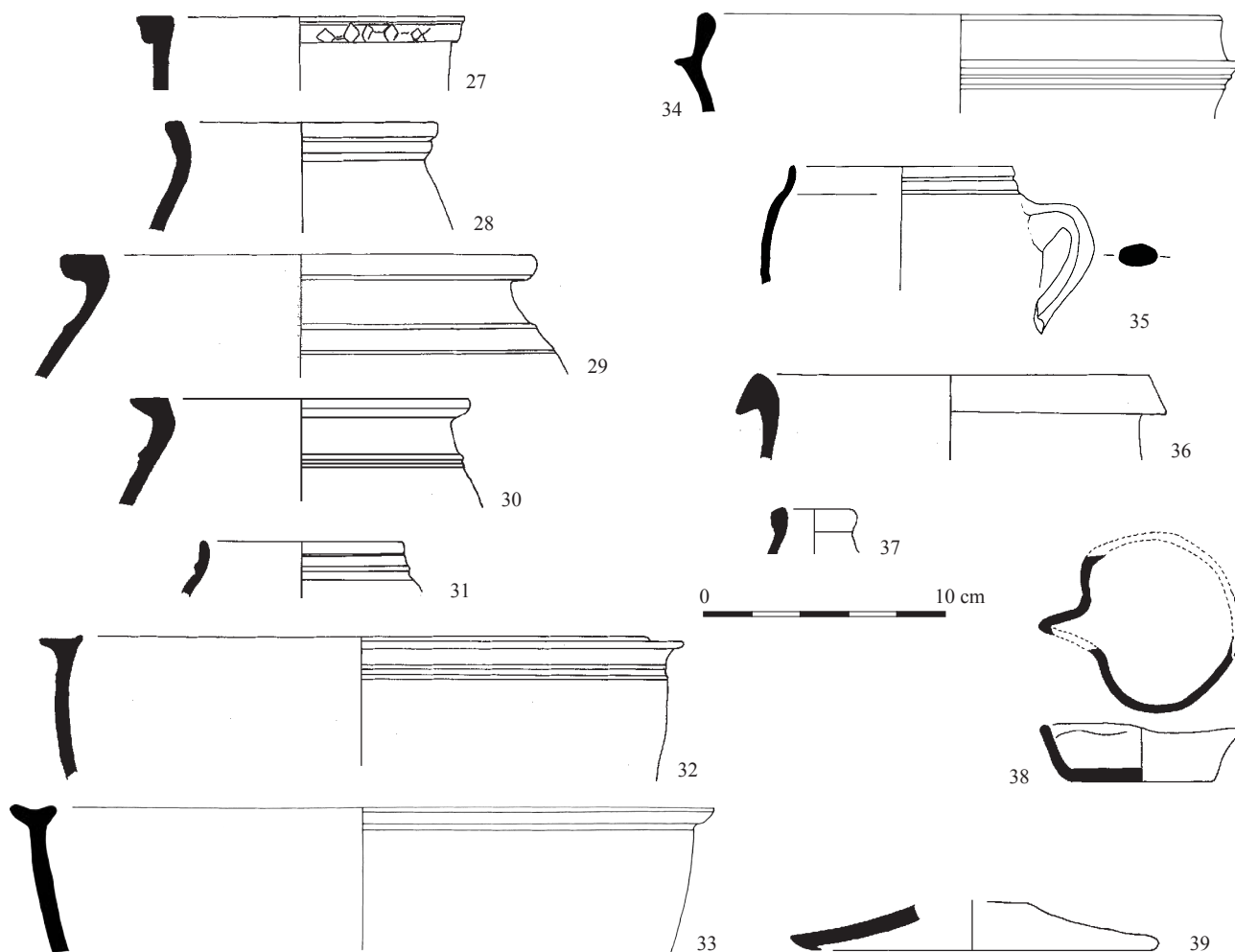


Fig. 8 - Rua António Maria Eusébio. Fase II (primeira metade do século XV). Cerâmica comum: 27 a 30 - panelas; 31 - púcaro; 32 e 33 - caçarolas; 34 - taça carenada; 35 - caneca; 36 - cântaro; 37 - cantil; 38 - candeia; 39 - testo.

na acusada com caneluras acentuadas. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais castanho-avermelhadas (2.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 22 cm.

35 - Caneca (AME212, C. 7B) - Fragmento de bordo inclinado para o interior e lábio convexo; asa vertical de secção oval. Superfície externa com duas caneluras sob o bordo. Pasta avermelhada (2.5 YR 5/6). Diâmetro no bordo 9,2 cm.

36 - Cântaro (AME321, C. 7A) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio pendente. Superfície externa brunida de cor laranja avermelhada. Pasta castanha (7.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 16,2 cm.

37 - Cantil (AME229, C. 7B) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o exterior com lábio convexo-aplanado. Superfície externa com aguada castanho-acinzentada. Pasta cor de laranja (5 YR 6/6). Diâmetro no bordo 3,6 cm.

38 - Candeia (AME281, C. 7A) - Fragmento de bordo, parede e fundo. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais alaranjadas (2.5 YR 6/6). Altura 2,3 cm; diâmetro no bordo 8,2 cm.

39 - Testo (AME219, C. 7B) - Fragmento de bordo, parede e fundo. Bordo ligeiramente inclinado para o exterior, e lábio com acentuada inflexão interna em forma de barbela. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais castanho-avermelhadas (2.5 YR 5/4). Diâmetro no bordo 15 cm. Manchas de lume.

### Cerâmica vidrada e esmaltada

40 - Jarro (AME240, C. 7A) - Fragmento de fundo com pé em anel e arranque do bojo. Superfície externa vidrada a castanho na porção do bojo. Pasta alaranjada (2.5 YR 6/6). Diâmetro no fundo 7 cm.

41 - Prato (AME201, C. 7B) - Fragmento de parede. Superfícies esmaltadas a branco estanhífero (superfície interna com decoração vegetalista a azul de cobalto). Pasta bege (2.5 Y 8/3).

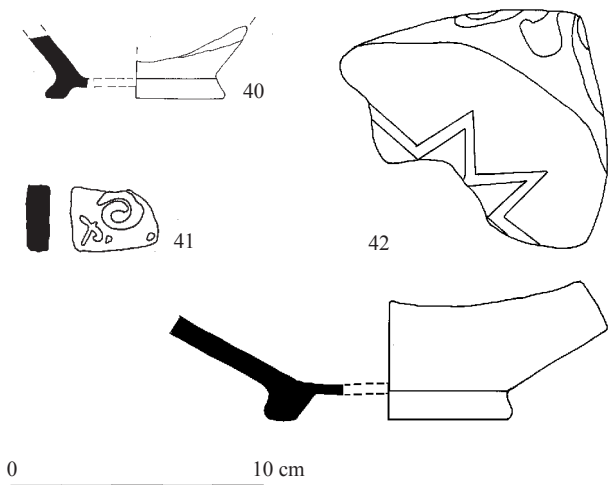


Fig. 9 - Rua António Maria Eusébio. Fase II (1ª metade do séc. XV). Cerâmica vidrada e esmaltada: 40 - jarro; 41 e 42 - pratos.

42 - Prato (AME373, C. 7A) - Fragmento de fundo com pé em anel. Superfície interna esmaltada a dourado com motivo decorativo geométrico estilizado (estrelar) a verde. Pasta bege rosada clara (7.5 YR 7/3). Diâmetro no fundo 9,4 cm.

### Fase III

#### Cerâmica comum

43 - Panela (AME445, C. 5) - Fragmento de bordo com espessamento externo de secção quadrangular, colo e arranque de asa. Pasta com cerne avermelhado (2.5 YR 6/4) e zonas superficiais castanho-avermelhadas (5 YR 5/3). Diâmetro no bordo 13,2 cm.

44 - Panela (AME437, C. 5) - Fragmento de bordo ligeiramente inclinado para o interior, de lábio convexo e asa vertical de secção oval. Superfície externa com aguada vermelha escura. Pasta com cerne cinzento e zonas superficiais alaranjadas (2.5 YR 6/8). Diâmetro no bordo 17,6 cm.

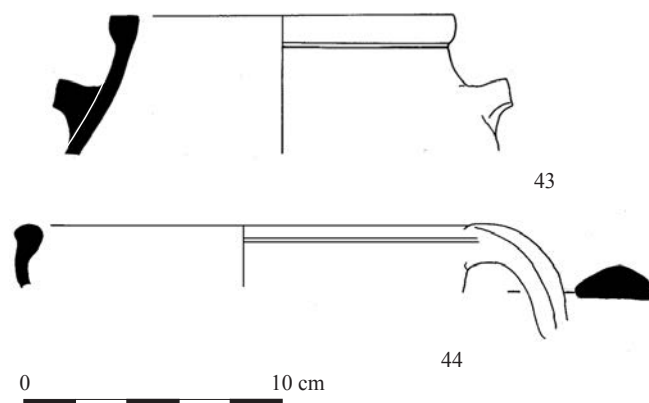


Fig. 10 - Rua António Maria Eusébio. Fase III (2ª metade do séc. XV). Cerâmica comum: 43 e 44 - panelas.

#### Cerâmica vidrada e esmaltada

45 - Taça (AME381, C. 6) - Fragmento de fundo esmaltado no interior a castanho acobreado com decoração de motivos vegetalistas a azul de cobalto e verde. Pasta bege rosada (7.5 YR 7/3). Diâmetro no fundo 8,2 cm.

46 - Prato (AME421, C. 6) - Bordo direito com lábio convexo; esmaltado a branco estanhífero. Pasta de cor bege (2.5 Y 8/4). Diâmetro no bordo 18,1 cm.

47 - Prato (AME474, C. 5) - Bordo direito com lábio convexo, demarcado por fina incisão junto ao bordo; fundo côncavo. Superfícies vidradas a castanho melado. Pasta bege (10 YR 7/3). Diâmetro no bordo 24,8 cm; altura 4 cm. Marca de trempo aquando do empilhamento na cozedura.



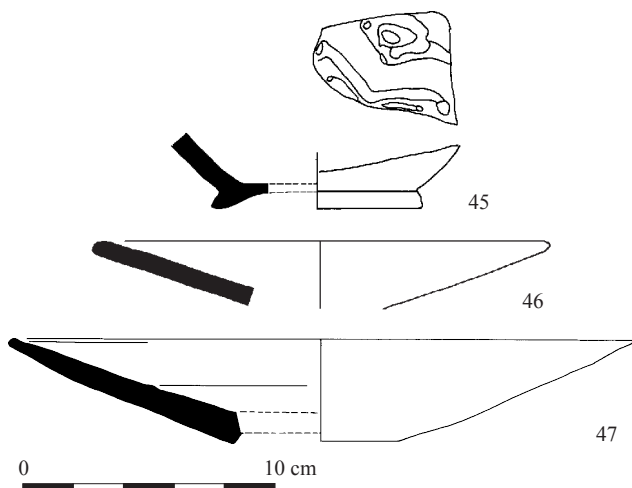


Fig. 11 - Rua António Maria Eusébio. Fase III (2ª metade do séc. XV). Cerâmica vidrada e esmaltada: 45 - taça; 46 e 47 - pratos.

## Fase IV

### Cerâmica vidrada e esmaltada

48 - Prato (AME493, C. 4F) - Bordo direito com lábio convexo; demarcado por fina incisão junto ao bordo. Superfícies vidradas a castanho-melado; decoração de motivo fitomórfico no interior. Pasta bege (2.5 Y 8/4). Diâmetro no bordo 21,2 cm.

49 - Prato (AME496, C. 4F) - Bordo direito com lábio convexo. Superfícies esmaltadas a branco estanhífero; decoração de motivo geométrico a azul de cobalto, no interior. Pasta bege (2.5 Y 8/4). Diâmetro no bordo 15,1 cm.

50 - Escudela (AME495, C. 4F) - Fragmento de bordo e pega-triangular. Superfícies esmaltadas a branco sob castanho aco-

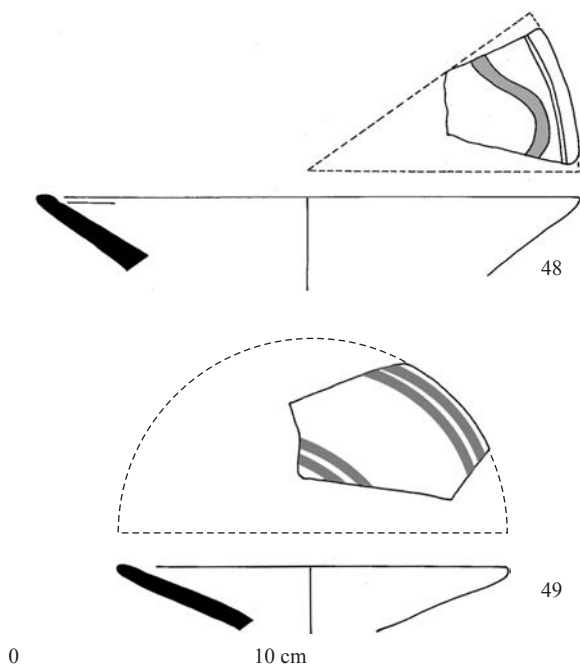


Fig. 12 - Rua António Maria Eusébio. Fase V (século XVI). Cerâmica vidrada e esmaltada: 48 e 49 - pratos.



Fig 13 - Rua António Maria Eusébio. Fase V (Séc. XVI). Cerâmica esmaltada: 50 - escudela.

breado com decoração de carácter vegetalista. Pasta bege rosada (7.5 YR 7/4). Diâmetro no bordo 32 cm.

## Fase VII

### Cerâmica comum

51 - Panela (?) (AME545, C. 4A) - Bordo inclinado para o interior com lábio convexo. Superfície externa com duas incisões acentuadas sob o bordo. Superfície externa com aguada cinzenta. Pasta de cor laranja (2.5 YR 6/8). Diâmetro no bordo 13,8 cm.

### Cerâmica esmaltada

52 - Escudela (AME556, C. 4A) - Bordo direito com lábio aplanado; carena acusada e pé em anel. Superfícies esmaltadas a branco estanhífero. Pasta bege (2.5 Y 8/4). Altura 6,3 cm; diâmetro no bordo 15,4 cm. Marca de trempe aquando do empilhamento para cozedura.

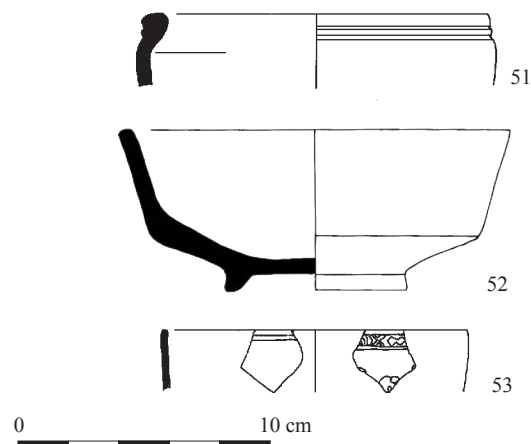


Fig. 14 - Rua António Maria Eusébio. Fases VII e VIII (séculos XVII e XVIII). Cerâmica comum: 51 - panela; cerâmica esmaltada: 52 - escudela; e porcelana chinesa: 53 - taça.

## Fase VIII

### Porcelana

53 - Taça (AME573, C. 3) - Fragmento de bordo direito com lábio convexo. Porcelana branca decorada a azul de cobalto. Diâmetro no bordo 12,1 cm.

### BIBLIOGRAFIA

ABREU, L. (1999) - *Memórias da Alma e do Corpo. A Misericórdia de Setúbal na Modernidade*. Setúbal.

BAZZANA, A. (1979) - Céramiques médiévales: les méthodes de la description analytique, appliquées aux productions de L'Espagne Oriental. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Paris, p. 148-185.

CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (1990) - Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril-Cascais). *Arquivo de Cascais*, 9, p. 45-62.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1991) - Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. *Actas do IV Congresso de Cerâmicas Medievais no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola, p. 575-585.

CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) - Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*, 6, p. 193-212.

CARVALHO, A. R. (1993) - Cerâmicas medievais do Castelo de Sesimbra (II Parte). *Sesimbra Cultural*, 3, p. 18-22.

CARVALHO, A. R. (1994) - Cerâmicas medievais do Castelo de Sesimbra (III Parte). *Sesimbra Cultural*, 4, p. 13-17.

CARVALHO, A. R.; FERNANDES, I. C. (1992) - Cerâmicas esmaltadas e vidradas dos sécs. XV e XVI, provenientes do Castelo de Sesimbra. *Sesimbra Cultural*, 2, p. 15-21.

CATARINO, H. (1995) - Cerâmicas tardo-medievais/modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, p. 129-136.

DIAS DIOGO, A. M.; TRINDADE, L. (1995) - Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lazeira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, p. 163-170.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1995) - Cerâmicas baixo-medievais da casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela). *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, p. 77-96.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1997a) - Abordagem arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval*, 5, p. 221-241.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1997b) - Intervenção arqueológica na Rua de Nenhures (Área Urbana de Palmela). *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 279-295.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. R. (1998) - Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, p. 211-256.

GAMITO, T. (1991) - As escudelas medievais de Faro. Sua função e área de distribuição. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Campo Arqueológico de Mértola, p. 361-364.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do Poço-Cisterna de Silves. *XELB*, 3, p. 143-205.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1998) - Cerâmicas dos séculos XV a XVII da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, p. 321-342.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. *XELB*, 3, p. 33-78.

LEAL, V. O. (2000) - Rua da Judiaria (Almada): o espólio cerâmico do Silo 7. *Al-madan*, S. 2, 9, p. 202-205.

MATOS, M. A. P. (1996) - *A Casa das Porcelanas. Cerâmica da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa.

MAYET, F.; SCHMIT, A.; TAVARES DA SILVA, C. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

PAIXÃO, A. C.; FARIA, J. C.; CARVALHO, A. R. (1994) - O Castelo de Alcácer do Sal: um projecto de Arqueologia Urbana. *Actas do II Encontro de Arqueologia Urbana*, 97, p. 215-256.

RODRIGUES, S.; CABRAL, J. (1990) - Silos medievais de Caparide. *Arquivo de Cascais*, 9, p. 63-74.

SABROSA, A. (1994) - Cerâmicas quinhentistas do Palácio de Pragana. *Al-madan*, S. 2, 3, p. 38-44.

SABROSA, A.; ESPÍRITO SANTO, P. (1992) - Almada Medieval/Moderna, um projecto de investigação. *Al-madan*, S. 2, 1, p. 5-12.

SABROSA, A.; SANTOS, V. M. (1993) - Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira - Almada. *Al-madan*, S. 2, 2, p. 116-122.

SÁNCHEZ-PACHECO, T. (1996) - *Cerâmica espanhola dos Árabes a Miró nas colecções do Museu de Cerâmica de Barcelona*. Museu Nacional do Azulejo.

SOARES, J. (2000) - Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. (Trabalhos de Arqueologia, 14)*, Lisboa, p. 101-130.

TAVARES DA SILVA, C. (1989) - O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica. In *Convento de Jesus, 500 anos. Arqueologia e História*. Câmara Municipal de Setúbal, p. 5-21.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1998) - Para uma arqueologia do Castelo de Sines. *Da Ocidental Praia Lusitana. Vasco da Gama e o seu Tempo*. Sines, p. 21-45.